



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ONLINE
CURSO DE PEDAGOGIA**

KEMILY FRANCELINO LEMES

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS SURDAS:
BARREIRAS E ELEMENTOS ESSENCIAIS**

Lavras
Novembro, 2023



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ONLINE
CURSO DE PEDAGOGIA**

KEMILY FRANCELINO LEMES

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS SURDAS:
BARREIRAS E ELEMENTOS ESSENCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Educação Online do Instituto Nacional de Educação de Surdos – Polo UFLA, como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagoga.
Orientador(a): Valéria Campos Muniz.

Lavras
Novembro, 2023

Ficha catalográfica

L552a Lemes, Kemily Francelino.

Alfabetização e letramento de crianças surdas: barreiras e elementos essenciais / Kemily Francelino Lemes — 2023.

27 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Valéria Campos Muniz.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)—Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Crianças surdas. 4. Educação Bilíngue. I. Título. II. Muniz, Valéria Campos.

CDD 371.912

KEMILY FRANCELINO LEMES

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS SURDAS:
BARREIRAS E ELEMENTOS ESSENCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Educação Online do Instituto Nacional de Educação de Surdos como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagoga.

Orientador(a): Valéria Campos Muniz.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. – Professora Orientadora
Valéria Campos Muniz (INES/DESU)

Prof^a. Dr^a. – Professora do Instituto Nacional de Educação de Surdos
Aline Cristine Xavier Da Silva Castro

Prof^a. Dr^a. – Professora da Academia da Força Aérea
Fernanda Beatriz Caricari de Moraes

Aprovada em 23/11/2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico primeiramente este trabalho a Deus por me apresentar ao curso de Pedagogia com perspectiva bilíngue e ao Instituto Nacional De Educação de Surdos. Esta graduação tem feito a diferença em minha vida, trazendo conhecimento, crescimento e aprendizados. Este é o último trabalho, houve alguns desafios, mas com a ajuda de Deus, da minha família, da orientadora e de amigos, consegui concluir, meus sinceros agradecimentos a esses. Esta é a frase que tem resumido o tempo que estou vivenciando: “o fim é melhor que o começo”.

RESUMO

O caminho de alfabetizar e letrar crianças surdas na educação atual tem apresentado desafios, em virtude de barreiras, que permeiam desde o âmbito familiar até o escolar. Nesse processo, a Língua Brasileira de Sinais se configura como indispensável, pois é por intermédio dela que o surdo se desenvolve e aprende, dando suporte para a aquisição de sua língua secundária, a Língua Portuguesa. Diante disso, e compreendendo como sendo direito do surdo a educação bilíngue, nosso objetivo é identificar as principais barreiras para seu letramento pleno e trazer à reflexão alguns elementos que ajudem nessa superação, tendo em vista um ensino com o olhar para a diferença e para a especificidade do surdo. Para tanto, o trabalho se enquadra em uma metodologia de pesquisa de revisão bibliográfica e documental, sendo utilizado como referencial teórico autores como: SOARES (2009), LEBEDEFF (2012); SHEMBERG, GUARINELLO, SANTANA (2009); FERNANDES (2003, 2012) entre outros pesquisadores. O estudo está organizado em dois capítulos, versando sobre as barreiras predominantes e pontos fundamentais para uma prática de alfabetização exitosa. Como considerações preliminares para um efetivo processo de alfabetização e letramento das crianças surdas, apontamos a necessidade da aprendizagem da língua de sinais pela criança, familiares e docentes, bem como a existência de um ambiente escolar bilíngue, com metodologia voltada para aquisição das duas línguas, com base na pedagogia visual.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento. Crianças surdas. Ensino Bilíngue.

ABSTRACT

The path of literacy and literacy of deaf children in current education has presented challenges, due to barriers that permeate the family to school. In this process, the Brazilian Sign Language is indispensable, because it is through it that the deaf develops and learns, supporting the acquisition of their secondary language, the Portuguese Language. Given this and understanding the right of the deaf bilingual education, our goal is to identify the main barriers to their full reading and bring to reflection some elements that help in this overcoming to teach looking at the difference and the specificity of the deaf. For this, the work is part of a research methodology of bibliographic and documentary review, being used as theoretical reference authors as SOARES (2009), LEBEDEFF (2012); SHERBERG, GUARINELLO, SANTANA (2009); FERNANDES (2003, 2012) among other researchers. The study is organized in two chapters, dealing with the predominant barriers and fundamental points for a successful literacy practice. As preliminary considerations for an effective process of literacy and reading of deaf children, we point out the need for learning sign language by the child, family, and teachers, as well as the existence of a bilingual school environment, acquisition of both languages, based on visual pedagogy.

Keywords: Literacy. Deaf children. Bilingual Education.

RESUMO EM LIBRAS

https://youtu.be/XULtt3GhmnE?si=jtfWVCex8g_cNmUS

LISTA DE SIGLAS

DESU- Departamento de Ensino Superior

INES- Instituto Nacional de Educação de Surdos

LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais

SUMÁRIO

ARTIGO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO11

1. CRIANÇAS SURDAS: BARREIRAS E DESAFIOS NA ALFABETIZAÇÃO12

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS SURDAS: ELEMENTOS

ESSENCIAIS PARA SUPERAÇÃO19

CONSIDERAÇÕES FINAIS 24

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 25

APRESENTAÇÃO

Meu envolvimento com o tema ocorreu com a disciplina de Alfabetização e Letramento no curso de Pedagogia (INES), em que, nas últimas unidades foi visto uma forma de iniciar o letramento com os alunos surdos. Simultaneamente, no início do ano de 2022, iniciei o estágio de campo nos Anos Iniciais (Ensino Fundamental I) em uma escola da minha cidade, em que as professoras estavam iniciando a alfabetização e o letramento com os alunos, e pude ver, na prática, os métodos utilizados por elas. Embora, na escola em que desenvolvi o estágio, não houvesse alunos surdos, vi que as professoras divergiam sobre qual o melhor método a ser usado com os alunos ouvintes e isso me fez refletir sobre o ensino para alunos surdos. Ao finalizar o estágio e com o contato frequente com uma amiga surda, surgiu o tema desta pesquisa: O que dificulta a aprendizagem dos surdos no tocante à alfabetização e letramento em Língua Portuguesa?

A partir disso, veremos a individualidade das crianças surdas e a consolidação da sua primeira língua como fundamental nesse processo.

INTRODUÇÃO

As habilidades de leitura e escrita não são naturais aos seres humanos, são adquiridas por intermédio da educação formal, podendo ser iniciadas no seio familiar. Na convivência com a família, pode a criança começar a se preparar para ler e escrever, quando pega alguma embalagem e tenta ler, folheia algum livro e rabisca o que quer representar.

Em casa, as crianças surdas podem até ter contato com os materiais escritos, mas, por falta de interação significativa com a família, que, de maneira geral, não sabe a língua de sinais, o livro acaba não passando de um simples objeto.

A alfabetização das crianças surdas não é um processo fácil, em virtude de barreiras, como por exemplo, a barreira linguística e identitária, a familiar e a escolar. No entanto, alguns elementos, conforme veremos mais adiante, são fundamentais para superar essas barreiras.

Recorrentemente, discute-se no Brasil, quais os melhores métodos para alfabetizar, alguns são pautados em metodologias tradicionais, outros em evidências e outros até mesmo na neurociência. Há educadores que optam pelos Métodos Analíticos e outros pelos Métodos Sintéticos. O fim é o mesmo, alfabetizar e letrar crianças, ajudando-as a decodificar e compreender o processo da escrita e da leitura em diferentes práticas sociais.

Os surdos, diferentemente dos ouvintes, usam o canal visual para a aprendizagem de línguas, sendo, de maneira geral, sua língua primária (L1), a Língua Brasileira de Sinais, e, a língua secundária (L2), a Língua Portuguesa. Dessa forma, a aprendizagem dos surdos se enquadra na modalidade visuo-espacial, e a dos ouvintes na modalidade oral-auditiva, sendo a primeira língua, ou língua de conforto, a língua de sinais, que vai oferecer suporte linguístico para os surdos aprenderem a segunda língua, a língua portuguesa escrita.

Mesmo com todos os avanços a respeito da educação de surdos, esses ainda se enquadram em porcentagens muito baixas de formação. Segundo uma pesquisa no site Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo:

No Brasil, 5% da população é surda e parte dela usa a Língua Brasileira de Sinais para se comunicar. Cerca de 7% dos surdos têm ensino superior

completo, 15% frequentaram a escola até o ensino médio e 46% até o fundamental; 32% não têm grau de instrução.

Os educadores devem buscar mais conhecimento e formação sobre os surdos, a fim de encontrarem caminhos para mudar essa realidade. Um deles é identificar as barreiras presentes no processo de alfabetizar e letrar as crianças surdas, para que elas possam chegar ao ensino médio e ensino superior. É importante que elas tenham um bom conhecimento da língua de sinais, tenham professores bilíngues e intérpretes, para que possam aprender a ler e escrever em língua portuguesa. Aprender a língua oficial do país é uma questão de cidadania, pois além de estar presente no seu dia a dia, em livros, nas redes sociais e nos mais diversos ambientes, será o caminho para seu processo de formação escolar.

Para construir o presente trabalho, a metodologia utilizada foi a de pesquisa de revisão bibliográfica e documental, de base qualitativa. Usei como instrumento de coleta de dados: fichamento e pastas para organização de arquivos, e, a forma de trabalhar com os dados foi de análise e descrição. Durante esse processo, encontrei algumas barreiras que interferem na alfabetização e letramento das crianças surdas, lendo o trabalho de autores, pretendo levar o leitor a reflexão de possíveis caminhos que ajudam na superação, auxiliando a família e os professores no percurso escolar dos surdos no que se refere à alfabetização e letramento.

1. CRIANÇAS SURDAS: BARREIRAS E DESAFIOS NA ALFABETIZAÇÃO

Na educação das crianças surdas, há inúmeros desafios que acabam se tornando barreiras na alfabetização, sendo necessário conscientização e mudanças por parte da família e dos profissionais envolvidos na educação dos surdos.

Primeiro, serão tratadas as barreiras na aprendizagem do surdo, como, por exemplo: barreiras linguística e identitária, barreiras familiar e escolar, que atrapalham o desenvolvimento da criança surda. Desse modo, mostraremos que a barreira linguística e identitária é um dos principais impedimentos, pois a privação de uma língua, pode atrapalhar seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, intelectual e sócio-emocional.

Depois, discorreremos sobre a barreira no âmbito da família. A criança surda,

por nascer geralmente no seio de famílias ouvintes, não recebe os primeiros estímulos da linguagem escrita no ambiente familiar, mostrando que o diagnóstico tardio e a ausência da língua de sinais enquanto meio de interação com o surdo, torna o processo de alfabetização e letramento bastante dificultoso.

E por fim, será abordada a barreira dentro do contexto escolar, em que os professores e profissionais da educação carecem de conhecimento sobre o surdo, sua cultura e suas especificidades, aderindo a práticas que não contemplam a alfabetização, o aprendizado e o desenvolvimento da criança surda.

No que tange às barreiras linguísticas e identitárias, é possível observar que a língua de sinais, para surdos sinalizantes, configura o cerne de sua vida. É por intermédio dela que o surdo se constitui e tem sua identidade formada. Ela está presente nas comunicações, relações e interações, além de ser mediadora para o surdo desenvolver a escrita nas diferentes práticas sociais. Contudo, seja no seio familiar, seja no escolar, existe uma barreira linguística que, por vezes, permanece:

No caso da criança surda, ressalta-se que essas práticas sociais deveriam aparecer mediadas pela língua de sinais. Contudo, o que observamos é que na família e na escola **permanece o contexto da exclusão linguística**, quer seja da língua de sinais, quer seja da língua na modalidade escrita. (SHEMBERG, GUARINELLO, SANTANA, 2009, p. 267, grifo nosso).

Lebedeff (2012), em seu trabalho, constatou que as barreiras linguísticas e comunicacionais são prejudiciais ao desenvolvimento do surdo e que a aceitação e adaptação da família à surdez podem fazer a diferença na vida da criança, seja para criar vínculos afetivos como também para seu desempenho na escrita. Então, é necessário os pais serem orientados a entender as particularidades no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo e linguístico dos seus filhos e que a surdez não é nenhuma doença.

Tanto no ambiente familiar quanto no escolar, se não for oportunizado às crianças surdas não oralizadas o contato com a língua de sinais e com pares surdos, o seu desenvolvimento poderá ficar comprometido. É a partir das interações em língua de sinais que o surdo vai se reconhecendo e construindo sua identidade surda, identificando-se como um sujeito detentor de língua e cultura. Por intermédio da LIBRAS, será possível desenvolver melhor o aprendizado da segunda língua, uma vez que ele terá base para construir significado.

Segundo Skliar (1997), para o desenvolvimento da criança surda o modelo

bilíngue a capacita a desenvolver a sua identidade cultural e linguística no mesmo patamar que as crianças ouvintes:

[...] o modelo bilíngue propõe dar às crianças surdas as mesmas possibilidades psicolinguísticas que tem o ouvinte. Será só desta maneira que a criança surda poderá atualizar suas capacidades linguístico-comunicativas, desenvolver a sua identidade cultural e aprender. (SKILIAR, 1997, p. 144).

A realidade do dia a dia mostra que a maioria das crianças surdas têm o diagnóstico e intervenção do problema linguístico de forma tardia, por isso a aquisição da primeira língua e o aprendizado da segunda língua deixam a desejar.

A falta da língua de sinais, nos primeiros anos de vida, atrapalha o desenvolvimento da criança surda, sendo fundamental ela aprender essa língua durante o período da aquisição da linguagem, que segundo a pesquisadora Quadros (1997, p. 70) envolve o período pré-linguístico, estágio de uma palavra, estágio das primeiras combinações e estágio das múltiplas combinações. Ainda segundo os estudos de Quadros (1997, p. 80), após o período da aquisição da linguagem, se a criança não aprendeu a língua de sinais, a sua aquisição será deficiente e o seu aprendizado se iniciará de forma tardia.

A privação da língua de sinais é uma barreira linguística, pois a criança surda, ao aprender tardiamente esta língua, terá dificuldades em aprender também o português escrito como segunda língua e o seu desenvolvimento – cognitivo, sócio emocional e linguístico - provavelmente sofrerá sérios comprometimentos.

Vygotsky (1991, p. 41) diz que:

[...] todas as funções (o comportamento consciente, a ação proposital, capacidade de planejamento e pensamento abstrato) no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro aparece no nível social e depois no nível individual (...). Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre os indivíduos humanos.

Para Vygotsky (1991), o desenvolvimento da criança se dá primeiramente no meio social e depois individualmente. No caso da criança surda, se ela nasce em família de ouvintes, não vai conseguir se relacionar de forma satisfatória com as pessoas a sua volta, porque lhe falta a audição e, portanto, a língua falada se torna uma barreira linguística para ela. É importante que ela esteja imersa num meio social com pares surdos, tendo a língua de sinais como língua de comunicação.

O conhecimento da língua de sinais e o contato surdo-surdo proporcionarão a formação da identidade da criança surda. Antes de ser alfabetizada e letrada, o

surdo precisa se reconhecer no interior de uma cultura, para começar a construir sua identidade. GESUELI (2006), ainda vai dizer que o contato desde cedo de crianças surdas com professores surdos propicia o uso efetivo da língua de sinais e amplia perspectivas de se sentir pertencente à comunidade surda. Ela testemunhou amadurecimento sobre questões de identidade em surdos se aceitando como tais.

Por isso, a criança surda deve ter contato com professores surdos e ou pessoas surdas, seja no interior do espaço escolar, seja em igrejas, entre outros, para que haja aquisição, conhecimento e interação a partir de sua primeira língua. A Língua de Sinais permite que o surdo interprete o mundo e as situações ao seu redor e permite que ele se desenvolva linguisticamente, compreendendo sua identidade linguística e cultural pertencente a uma cultura visual. Já a Língua Portuguesa escrita, que posteriormente vai ser aprendida em ambiente escolar, também possui importante papel no meio social.

Cabe ressaltar que o primeiro contato de uma criança com a linguagem escrita muitas vezes acontece dentro do ambiente familiar. Será, nesse contexto, que ela vai desenvolver seus primeiros significados. Contudo, com as crianças surdas, essa primeira experiência nem sempre acontece, pois, de maneira geral, não há uma interação efetiva com a família. A maior parte das crianças surdas nascem em lares de pessoas ouvintes que, na maioria das vezes, utilizam sinais caseiros para se comunicarem, por não conhecerem a língua de sinais. Nesse caso, a criança surda terá dificuldade para compreender o mundo a sua volta, pois ainda não teve aquisição de sua primeira língua e muito provavelmente terá dificuldade e comprometimento no aprendizado do português escrito, ou seja, antes de imergir no mundo da escrita é fundamental a criança surda saber e interagir em língua de sinais.

Como contribuição para a formação da criança surda como leitora e autora de textos em sua diversidade de gêneros, é necessário que ela esteja familiarizada com a língua escrita desde a tenra idade:

É sob este aspecto que o adulto, enquanto mediador, desempenha um papel fundamental, pois o envolvimento da criança em atividades cotidianas que lhe propiciem contato com a linguagem escrita terá reflexos positivos no modo que a mesma irá constituir-se como leitora e autora. (SHEMBERG, GUARINELLO, SANTANA, 2009, p. 256).

De acordo com os autores, é essencial a mediação de um adulto para estimular a criança no contato com a leitura e escrita. No entanto, em se tratando de

criança surda, a mediação precisa ser em língua de sinais, para essa relacionar a escrita com os significados do texto e assim iniciar seu processo de alfabetização.

A alfabetização, contudo, por seu “caráter funcional e instrumental” (MORTATTI, 2004, p.67), não mais se revela suficiente, sendo necessário inserir a criança em diferentes práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, em práticas de letramentos. Embora esses conceitos sejam distintos, ambos se complementam. Soares (2009) vai dizer que, antes mesmo de alfabetizada, a criança pode estar imersa em processos de letramentos, começando no seio familiar, em que, desde pequenas, podem participar de algumas práticas letradas, sendo estimuladas a terem contato com materiais escritos. A leitura e a escrita, quando são uma prática entre os membros da família, auxiliam a criança a compreender seu uso social. Ao folhear livros, brincar de escrever e fingir ler, a criança dá os primeiros passos rumo ao desenvolvimento dessas habilidades.

As crianças surdas, por sua vez, também necessitam que seu meio social propicie experiências significativas, contudo tendem a ter dificuldades no processo de leitura e escrita em virtude de, entre outros fatores, da ausência de aquisição de uma língua:

Esta visão nos aponta para o fato de que as dificuldades que a criança surda possa ter no decorrer do seu processo de desenvolvimento não parecem inerentes à surdez, mas relativas às condições que **o meio e o grupo social oferecem** (GESUELI, 1998, p.14, grifo nosso).

Para ser bem sucedida como leitora e autora, o envolvimento com a língua escrita é primordial. Para Fernandes (2003, p.137), “o sucesso de sua incursão no mundo da escrita depende da qualidade e quantidade das experiências de leitura e escrita a que foram submetidas as crianças na infância.”

Contudo, se não houve aquisição de sua primeira língua e estímulo à escrita, a criança chega à escola com precária bagagem, pois não lhe foram proporcionadas situações para que colecionasse experiências, construísse conceitos e significados a partir de interações em seu lar. Nesse caso, caberá à escola estimular o desenvolvimento cognitivo dessa criança, que, de maneira geral, chega à escola com pouca experiência de mundo.

Com isso, é possível observar que a falta de conhecimento e uso da língua de sinais pela família pode ser uma grande barreira na vida da criança. Sem acesso à língua de sinais, a criança surda adquire, no mais das vezes, apenas gestos

caseiros, encontrando dificuldades na escola, por não conhecer a sua língua primeira para se comunicar, interagir e aprender.

O contato da criança surda com os materiais escritos, mediado pela língua de sinais, é a ponte para a sua alfabetização e letramento, porém é necessário a família aceitar a língua de sinais, buscando aprendê-la, usando nos momentos em casa com a criança surda. De acordo com Prado e Macedo (2016), para a família participar ativamente desse processo, é necessário que sejam orientados no que se refere à importância da aquisição de LIBRAS para o desenvolvimento de seu filho surdo.

No que concerne ao ambiente escolar, verifica-se que para a alfabetização de surdos, é necessário o envolvimento tanto da família como também da escola e dos sujeitos inseridos nela. Contudo, é possível perceber, no âmbito escolar, que ainda há forte predominância da cultura dos ouvintes, pois as metodologias utilizadas para ensinar são pensadas para esses e pautadas, muitas vezes, no tradicionalismo.

Embora a lei nº 10.436 (BRASIL,2002), de 24 de abril de 2002, tenha reconhecido a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda, admitindo que essa língua tem sua própria estrutura gramatical e um sistema linguístico de natureza visual-motora, em seu artigo 4º, parágrafo único há menção ao fato de “a Língua Brasileira de Sinais - Libras não substitui a modalidade escrita da língua portuguesa” (BRASIL,2002). Ou seja, há a necessidade de se repensar o ensino para surdos, que, muitas vezes, chegam à escola sem saber a língua de sinais, dificultando a aprendizagem da língua portuguesa escrita.

O decreto 5626/05 (BRASIL, 2005) já preconizava o direito dos alunos surdos de aprender a língua portuguesa escrita, tendo como língua de instrução a LIBRAS. A disciplina de LIBRAS também se tornou obrigatória nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia, por meio do decreto, que estabeleceu diretrizes para a formação do professor, para o instrutor de LIBRAS e também para a formação profissional do Tradutor Intérprete de LIBRAS - Língua Portuguesa, garantindo no âmbito educacional o direito do aluno surdo a ter um intérprete.

Contudo, sabemos que nem mesmo a disciplina de LIBRAS costuma estar presente nas escolas. O professor, por sua vez, ainda chega à escola sem conhecimento da cultura e da língua do aluno surdo, carecendo de formação continuada, e por vezes, quem faz papel de professor é o intérprete em sala de

aula. Embora a atuação do intérprete seja fundamental, até mesmo para eliminar as barreiras comunicacionais, o professor é quem deve fazer a mediação do conhecimento aos alunos, então cabe a esse igualmente ter conhecimento e proficiência em LIBRAS.

Shemberg, Guarinello e Santana (2009) dizem que o professor do ensino comum se vê despreparado para atender às especificidades do educando surdo, não considerando ser esta sua responsabilidade. A falta de conhecimento dos professores em relação ao surdo, sua cultura e necessidades constitui uma barreira e sem as ferramentas e estratégias adequadas, os surdos terão dificuldade de serem alfabetizados.

Nesse sentido, acreditamos que a alfabetização realizada dentro do contexto bilíngue é a mais assertiva. No processo de alfabetização, o surdo necessita fazer relação das palavras e os seus sentidos, e é por intermédio da língua de sinais que isso acontece, contribuindo grandemente para que ele seja inserido no mundo da escrita. Cabe enfatizar que não faz sentido o ensino de letras pautado em sua relação com o som. O surdo vai aprender as palavras enquanto imagens e não partidas em sílabas.

Sendo assim, a falta de conhecimento dos educadores, na escola, em relação aos alunos surdos, faz com que sejam utilizados os mesmos recursos e estratégias utilizados na educação de ouvintes. Para combater a barreira metodológica presente em sala de aula, Cardoso (2021, p.10) diz que “o primeiro passo é o conhecimento. Os professores precisam aprender sobre a cultura do povo surdo, aprender sobre as características da Libras e entender de que forma o aluno surdo aprende”. A forma de ensino da Língua Portuguesa para a criança ouvinte é diferente da criança surda. Com isso, é fundamental o professor conhecer o aluno. Ter esse conhecimento o ajuda a entender que o surdo não é incapaz, mas que sua aprendizagem depende do uso da LIBRAS e igualmente de recursos e estratégias adequados para a sua especificidade, proporcionando-lhe um estudo ativo.

Cardoso (2021), ainda vai dizer que, quando se ensina utilizando exclusivamente o português escrito, propaga-se uma cultura de dominação linguística, não considerando o aluno surdo e sua particularidade linguística - aspectos efetivos para a aprendizagem e inclusão em sala de aula.

Essa falha em integrar a língua do aluno surdo acarreta também em um

desafio comunicacional dentro da escola:

Estudantes surdos, oriundos majoritariamente de famílias ouvintes, são “incluídos” em escola regular monolíngue, **sem interlocução em língua de sinais, sendo excluídos das interações verbais e dos conhecimentos que circulam por meio do Português falado.** (FERNANDES, 2012, p.38, grifo nosso).

A criança surda, muitas vezes, vê-se impossibilitada de se comunicar com o professor e os colegas. As salas de aula de ensino regular que deveriam promover inclusão, podem acabar oferecendo o contrário, uma vez que a barreira comunicacional a impede não só de socializar, como também de aprender na escola. Nesse sentido, a alfabetização nas duas línguas é fundamental para que haja essa interação.

O ambiente escolar que deveria atuar na promoção contínua das práticas de leitura e escrita também contribui para a formação de diversas barreiras, não correspondendo às necessidades e diferenças do surdo. Assim, o caminho da alfabetização e letramento acaba sendo dificultoso, e as habilidades necessárias para seu crescimento não são adquiridas com propriedade.

Para a formação de sua identidade, é necessário o uso da língua de sinais, e é o que o ambiente escolar deve proporcionar:

Garantir o uso da língua de sinais no contexto escolar parece primordial para que haja **reconhecimento da surdez**, pois é por intermédio da linguagem que significamos o mundo e consequentemente nos significamos. (GESUELI, 2006, p.287, grifo nosso).

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS SURDAS: ELEMENTOS ESSENCIAIS PARA SUPERAÇÃO

Apesar dos grandes desafios que aparecem no caminho da alfabetização e letramento dos surdos, no presente capítulo, será tema de discussão os elementos fundamentais para a superação desses, de modo a eliminar e/ou diminuir as barreiras que impedem a criança de ser alfabetizada na idade certa e da forma adequada.

É no ambiente familiar que as crianças iniciam contato com a leitura e escrita, elas irão levar para a escola aquilo que foi construído em casa, nos seus primeiros

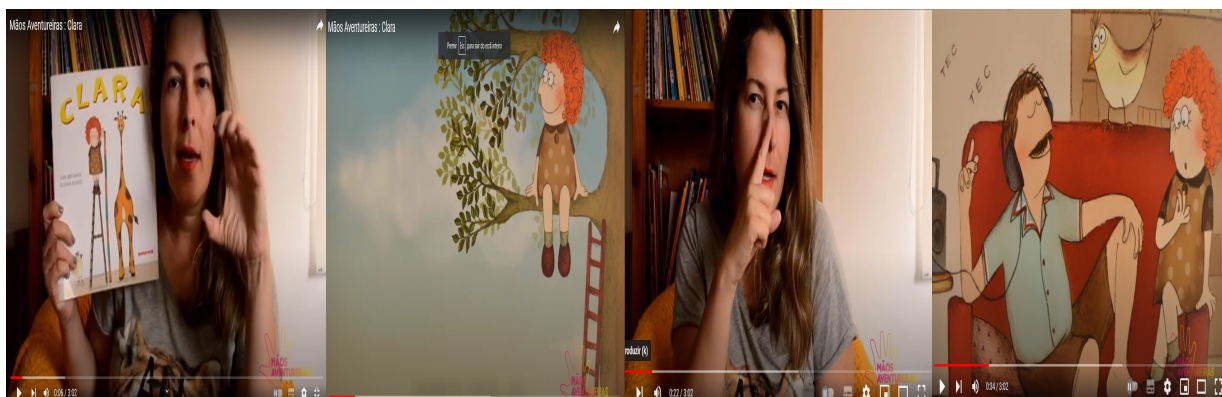
anos de vida. É importante, portanto, que a família leia histórias para a criança o mais cedo possível, oferecendo diversos materiais escritos para ela pegar, ver, folhear, rabiscar no papel em branco. Materiais como, livros de histórias infantis, embalagens de produtos alimentícios, panfletos de supermercado e outros portadores de textos compatíveis com a idade da criança contribuem com o seu processo de letramento e posteriormente com a sua alfabetização. Segundo Soares (2012):

A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe o seu uso e função, essa criança ainda é “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma letrada. [...] (SOARES, 2012 p. 24).

Ou seja, a criança que ainda não aprendeu a ler e a escrever, mas ouve histórias e está em contato com a escrita caminha no mundo do letramento, conforme mostrou Soares (2012).

Desse modo, a família ocupa um papel fundamental na alfabetização da criança, pois é através desta que a criança tem as primeiras oportunidades de se envolver com a linguagem escrita e pode desenvolver habilidades como interagir, ler, rabiscar e desenhar, fundamentais para sua posterior alfabetização.

Como contribuição para a alfabetização da criança surda, é importante a família interagir com ela em Libras sobre diversos assuntos envolvendo desde conversas espontâneas até a contação de histórias. Desenvolver a habilidade de ver e interagir em Libras é fundamental para posteriormente desenvolver a habilidade da leitura e escrita do português. Para a prática da leitura em LIBRAS a família pode acessar vários vídeos em Libras, no youtube, como, por exemplo, “*Mãos Aventureiras*”, como vemos na ilustração abaixo:



O Ministério da Educação, através do PNA (Plano Nacional de Alfabetização) lançou o programa “Conta Pra Mim” (BRASIL, 2020), onde orienta a família na prática da leitura e escrita com o filho em casa. No programa, pode ser encontrada a leitura de imagens e cantigas em língua de sinais.

Para a criança ouvinte, o processo de alfabetização e letramento tende a ser mais direto, pois desde pequena tem contato com seus pares, acesso e entrada em sua primeira língua, estando cercada de textos em Língua Portuguesa.

No tocante a Língua Portuguesa, os surdos se sentem como estrangeiros em seu próprio país. Sendo assim, é fundamental favorecer o processo de aquisição da Língua de Sinais e o desenvolvimento da linguagem escrita o quanto antes.

Como exemplo de uma formação bilíngue - uso da L1 (LIBRAS) e da L2 (língua portuguesa escrita) - para surdos, temos a Fiorella, uma criança surda com pais surdos, que, com a supervisão desses, produz vídeos no *Youtube*. Desde bebê, teve instrução em Língua Brasileira de Sinais, o que proporcionou todo o alicerce para seu desenvolvimento, inclusive para a aprendizagem da Língua Portuguesa. No vídeo “Leitura é fundamental! 7 anos e 7 meses”, sua mãe conta que “A Fiorella faz atividades todas as manhãs por uma hora, várias atividades e várias apostilas, de matemática, português e até jogos” (O diário da Fiorella, 2022). No vídeo, a tarefa consiste em desenhar, mas antes precisa ler em Língua Portuguesa escrita e compreender o conceito do que se pede.

Portanto, é imprescindível a família interagir em LIBRAS com a criança, no cotidiano, nas tarefas, por meio de leitura de imagens e até mesmo usando vídeos em língua de sinais. E mesmo depois de aprender é necessário que a família continue interagindo, ajudando nos conceitos dos assuntos e assim, ao ler, a criança terá uma boa compreensão do assunto.

Nesse sentido, a LIBRAS atua na aprendizagem e na autonomia do surdo, bem como em todo o seu desenvolvimento. Infelizmente, durante a história da educação dos surdos, os métodos de oralização e de comunicação total não foram competentes para seu ensino, desenvolvimento e inclusão. A educação bilíngue ou o bilinguismo é o mais adequado para esse fim. A lei 14.191 de 2021 insere no artigo 3 da lei de Diretrizes e Bases o seguinte artigo:

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos da

gente desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996)

Por direito e agora na letra da lei, os surdos precisam ter acesso a uma educação bilíngue, em que o ensino contemple a Língua de Sinais e também a Língua Portuguesa na forma escrita, ou seja, ambas precisam coexistir no espaço escolar. O surdo, ao estar exposto a essas línguas, vai adquirir conhecimento a partir de sua L1, mas também aprendendo a L2, bastante presente em seu dia a dia.

Conforme as autoras:

Para a inserção no campo educacional bilíngue para surdos, torna-se indispensável uma imersão no universo surdo, o conhecimento da sua identidade cultural, assim como do seu modo de compreender e estabelecer relações com o meio em que vive (FORTES; MENEZES, 2018, p.130).

Sendo assim, na educação bilíngue, é essencial ter conhecimento sobre o ser surdo e sua cultura. Além disso, favorece o desenvolvimento linguístico da criança surda, que aprende a LIBRAS no tempo semelhante a criança ouvinte aprendendo o português oral:

A Educação Bilíngue de surdos envolve a criação de ambientes linguísticos para a aquisição da Libras como primeira língua (L1) por crianças surdas, no tempo de desenvolvimento linguístico esperado e similar ao das crianças ouvintes, e a aquisição do português como segunda língua (L2). A Educação Bilíngue é regular, em Libras, integra as línguas envolvidas em seu currículo e não faz parte do atendimento educacional especializado. O objetivo é garantir a aquisição e a aprendizagem das línguas envolvidas como condição necessária à educação do surdo, construindo sua identidade linguística e cultural em Libras e concluir a educação básica em situação de igualdade com as crianças ouvintes e falantes do português. (Relatório sobre a Política - Linguística de Educação Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, 2014, p.6)

Dessa forma, a criança surda não se encontra atrasada em seu desenvolvimento linguístico, e por conseguinte seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional não são comprometidos. Dentro dessa educação, a especificidade linguístico-cultural é reconhecida e valorizada.

No tocante ao ensino e aprendizagem da língua portuguesa escrita, são necessárias experiências com significado e para que as experiências tenham significado faz-se necessário que a língua, a comunicação, os recursos, estratégias

e metodologias sejam visuais, uma vez que os surdos usam o canal visual para a aprendizagem.

Nas pesquisas de Silva e Seabra (2022), as autoras dizem que, ao ressaltar que os surdos utilizam estratégias diferentes das dos ouvintes para o ensino da língua escrita, as práticas devem contemplar o letramento visual, ou seja, proporcionar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento linguístico, com atividades propostas de forma contextualizadas, tornando o processo de alfabetização rico para as crianças surdas.

A utilização dos gêneros textuais contos, piadas, lendas, crônicas, cartas, notícias, receitas, manuais, diários e afins não só faz parte do processo de ensino-aprendizagem de leitura, mas igualmente ajuda a criança a fazer associação do papel destes nas práticas sociais. Os diversos gêneros não só possibilitam que a criança leia, mas também produza, se constitua como autora de textos, podendo deixar marcas de sua identidade e de sua cultura em suas produções.

A pedagogia visual, o jeito surdo de ensinar e aprender, requer o ensino por imagens de forma que o conhecimento visual lhe seja acessível incluir as imagens como sendo as geradas em gravuras: PowerPoint, fotografias, desenhos, filmagens; cenas de teatro, dramatizações, contação de histórias em língua de sinais, literatura surda etc.

(Relatório sobre a Política - Linguística de Educação Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, 2014, p. 13)

O professor, ao ensinar conteúdos pedagógicos, pode usar recursos imagéticos como: vídeos em Libras ou com legendas, murais ou cartazes com imagem, promovendo experiências visuais. Essas estratégias visuais são necessárias, para a relação entre a escrita da palavra e de seu conceito/significado.

No mesmo sentido, as autoras também dizem:

Considerando o ensino da língua portuguesa escrita para crianças surdas, há dois recursos muito importantes a serem usados em sala de aula: o relato de estórias e a produção de literatura infantil em sinais. O relato de estórias inclui a produção espontânea das crianças e a do professor, bem como, a produção de estórias existentes; portanto, de literatura infantil. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 25)

Com isso, é necessário entender que a criança ser letrada e alfabetizada não se remete a fazer cópias, mas sim em começar a registrar suas ideias e reflexões por intermédio da escrita, desse modo, ela começa a expor suas descobertas, cabendo ao professor propiciar, ao máximo, interações sociais da criança surda com os colegas, com as turmas e outras pessoas envolvidas na vida do surdo.

Conforme Lebedeff (2010), a leitura de imagens e as estratégias visuais de leitura e interpretação de textos precisam ocupar o lugar central na organização do ensino para as crianças surdas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa deste artigo apresentou algumas barreiras na alfabetização e letramento de crianças surdas, como: linguística e identitária, familiar e escolar. Além disso, discorreu sobre componentes para a superação dessas dificuldades, como a família, a educação bilíngue e a pedagogia visual na alfabetização e letramento de surdos.

Portanto, no que se refere à alfabetização e letramento das crianças surdas, é necessário que a família, a escola e todos os envolvidos aceitem o desafio de quebrar as barreiras através dos elementos apresentados.

Ademais, espera-se mais avanço no campo da educação de surdos com a lei 14.191 de 2021, que assegura aos surdos uma educação que contemple sua língua primária e secundária, imprescindíveis para o seu desenvolvimento pleno.

A relação e estímulo da Língua de Sinais e da escrita no ambiente familiar, juntamente com a educação bilíngue e a pedagogia visual são elementos a serem considerados para efetivar a alfabetização e letramento das crianças surdas.

Por intermédio dos tópicos abordados, refletimos sobre como proporcionamos educação adequada aos surdos. Como profissionais da educação, almejamos que, cada vez mais, possamos integrar a criança surda num processo de alfabetização e letramento, condizente com sua língua, cultura, identidade e especificidade, com um olhar direcionado para a diferença, a fim de que esse processo seja bem sucedido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assembleia legislativa do estado de São Paulo. *Dia Internacional da Linguagem de Sinais procura promover a inclusão de pessoas surdas*; 23/09/2021. Disponível em:

<<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?23/09/2021/dia-internacional-da-linguagem-de-sinais-procura-promover-a-inclusao-de-pessoas-surdas-#:~:text=Na%20Assembleia%20Legislativa%20do%20Estado,de%20v%C3%ADdeo%20para%20pessoas%20surdas.>>, Acesso em: 18 nov. 2022.

BRASIL. *Lei nº 10.436*, 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. De 25/04/2002,P.23. 24 de abril de 2002.

BRASIL. *Decreto nº 5.625*, 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. De 23/12/2005, P. 28. 23 de dezembro de 2005.

BRASIL. *Lei n. 14.191*, de 03 de agosto de 2021. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 04 de agosto de 2021. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm>.

CARDOSO, F. da S. *Alfabetização de surdos: ensino de língua portuguesa para pessoas surdas*. Anais do Encontro Nacional sobre Inclusão Escolar da Rede Profissional Tecnológica (ENIERPT), [S. l.], v. 1, n. 1, 2022.

FERNANDES, S. *Educação bilíngüe para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

FERNANDES, Sueli. *Práticas de letramento em Contextos de Educação Bilíngüe para Surdos*. Fórum, p. 37-44, 2012.

IORELLA, O *diário da. Leitura é fundamental!* Sete anos e sete meses. Youtube, 13 jun. 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/sdIHdkZtLuw>>. Acesso em: 02 fev. 2023.

FORTES, C.; MENEZES, P. Práticas de ensino bilíngüe para surdos nas séries iniciais. *Revista Fórum*, Rio de Janeiro, n.38, p. 127- 138, jul. - dez. 2018.

GESUELI, Z. M. *A criança surda e o conhecimento construído na interlocução em língua de sinais*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

GESUELI, Z. M. *Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão*. Educação & Sociedade, v.27, n. Educ. Soc., 2006 27(94), jan. 2006.

LEBEDEFF, T. Família e surdez: algumas considerações sobre o impacto do diagnóstico e a necessidade de orientação. *Revista Educação Especial*, [S.l.], p.13-18, 2012.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. *Cadernos de Educação*, n. 36, 2011.

MÃOS AVENTUREIRAS. *Mãos Aventureiras: Clara*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u0TQIS-tTPI>. Acesso em: 01 out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rgphn9dLAz4>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Conta pra mim - Política Nacional de Alfabetização*. 2019. Disponível em: <<https://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim#rotativoContapramim>>. Acesso em: 01/10/2023.

MORTATTI, M.R.L. *Educação e Letramento*. São Paulo: Unesp, 2004.

QUADROS, R. M. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R.M DE. SCHMIEDT, M.L.P. *Idéias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília : MEC, SEESP, 2006.

PRADO, R.; MACEDO, J. L. M. F. DE. Aquisição de línguas por crianças surdas: A importância do letramento visual. *RevistAleph*, n. 26, 4 ago. 2016.

Relatório Mec Secadi. Grupo de trabalho designado pelas portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013. Relatório sobre a Política - Linguística de Educação Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Brasília, DF: MEC, SECADI, 2014.

SCHEMBERG, S.; GUARINELLO, A. C.; SANTANA, A. P. DE O. As práticas de letramento na escola e na família no contexto da surdez: reflexões a partir do discurso dos pais e professores. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 15, n. Rev. bras. educ. espec., 2009 15(2), maio 2009.

SKILIAR, C. (Org.). *Educação & exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SILVA, R. A. F. DA .; SEABRA, A. G. Crianças surdas e experiências com a palavra escrita. *Educação e Pesquisa*, v. 48, n. Educ. Pesquisa., 2022 48, p. e239142, 2022.

SOARES, M. *Letramento, um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VYGOTSKY, L.S. *Formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.